



U N I V E R S I D A D E
LUSÓFONA

Centro Universitário de Lisboa
Escola de Psicologia e Ciências da Vida
Psicologia Forense

**RELAÇÃO ENTRE IMPULSIVIDADE,
PSICOPATIA E CRIMINALIDADE NA IDADE
ADULTA – UM ESTUDO EMPÍRICO EM
AMOSTRAS COMUNITÁRIAS**

Dissertação de Mestrado apresentada a provas públicas para a obtenção do grau de mestre em Psicologia Forense, orientada por Professora Doutora Olga Cunha.

Diogo Alexandre Duarte Ferreira | 22101485

Lisboa, 2023

www.ulusofona.pt

UNIVERSIDADE
LUSÓFONA



CENTRO
UNIVERSITÁRIO
LISBOA

DIOGO ALEXANDRE DUARTE FERREIRA

**RELAÇÃO ENTRE IMPULSIVIDADE,
PSICOPATIA E CRIMINALIDADE NA IDADE
ADULTA – UM ESTUDO EMPÍRICO EM
AMOSTRAS COMUNITÁRIAS**

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona, Centro Universitário de Lisboa, no dia 12/01/2024, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º 420/2023 de 02/11/2023, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutora Carolina da Motta

Vogal: Prof. Doutor Nélio Brazão (Universidade de Coimbra) –
Arguente

Orientadora: Prof. Doutora Olga Cunha

Este trabalho foi também orientado por Prof. Doutora Ana Rita Cruz

Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2023

Epígrafe

Dar um novo passo, dizer uma nova palavra, é o que as pessoas mais temem.

(Crime e Castigo, Fyodor Dostoevsky)

Agradecimentos

À Muy Nobre Universidade Lusófona de Lisboa. *Humani Nihil Alienum*;

Às Professoras Ana Rita Cruz e Olga Cunha, por todo o apoio ao longo destes meses, de modo a garantir o rigor desta dissertação de mestrado;

Às minhas colegas e amigas Adriana, Beatriz e Sandra pelos momentos de amizade e companheirismo durante todo o meu percurso universitário. Em especial, à Mariana, por me ter acompanhado de forma mais ativa, nos bons e nos maus momentos, e por toda a ajuda prestada durante o processo de escrita da atual dissertação;

Aos meus pais e à minha irmã por todo o apoio, mas especialmente à minha mãe, que garantiu a conclusão dos meus estudos, por me motivar ao longo dos anos e por estar sempre ao meu lado. Por ti, eu consegui;

Ao Paulo e à Graça, por terem sido uma rede de suporte imprescindível e por todo o apoio dado ao longo destes anos;

Aos meus amigos João, Francisco, Pedro e Joana, por todos os momentos passados juntos, pelas longas conversas pela noite adentro sobre os temas mais aleatórios, pelo apoio e pela camaradagem. Que a passagem dos anos não deteriore a nossa amizade;

À Catarina, por estar ao meu lado incondicionalmente e por me ter apoiado e motivado durante todos estes anos. Por ser uma excelente amiga, companheira e colega de casa, por ter sido uma peça essencial no meu crescimento enquanto pessoa e por ser a melhor conselheira. Palavras são poucas para exprimir a minha gratidão que sinto por te ter ao meu lado;

Por último, um beijinho especial à minha avó Fernanda, que deixa muitas saudades e me motiva a ser uma pessoa melhor. Que o orgulho por mim seja tão grande como o orgulho por ti.

Resumo

O crime é uma problemática recorrente, proveniente desde os primórdios da Humanidade e que perdurou no tempo até a atualidade. Indivíduos que perpetram atos criminosos têm uma maior probabilidade de apresentar características impulsivas e psicopáticas. O objetivo do estudo atual, de caráter quantitativo e transversal, é analisar a relação existente entre a impulsividade, psicopatia e criminalidade, com foco na população comunitária. A amostra deste estudo é composta por 690 indivíduos, com idades compreendidas entre os 18 e os 73 anos. Para recolha dos dados foi utilizado um questionário demográfico, a *Escala de Agressão Premeditada e Impulsiva (IPAS)*, a *Escala de Autorrelato de Psicopatia – Versão Reduzida (SRP-SF)*, o *Questionário de Autorrelato para Medir a Delinquência e o Crime (D-CRIM)*, e a *Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5 (SDRS-5)*. Os resultados demonstraram que as facetas afetiva e interpessoal se correlacionam com a premeditação e que a relação entre a psicopatia e a criminalidade é moderada pela impulsividade e pela premeditação. Destaca-se a importância de expandir recursos no sentido da intervenção e prevenção como forma de mitigar e controlar atos criminais causados por aspetos como a impulsividade e a premeditação na comunidade, procurando salvaguardar estas populações.

Palavras-chave: Impulsividade, psicopatia, criminalidade, agressividade

Abstract

Crime is a recurring problematic, originating in the early stages of Humanity and perduring in time until the present days. Individuals who perpetrate criminal acts have an increased probability of presenting impulsive and psychopathic characteristics. The focus of the present study, of quantitative and transversal nature, is to analyze the relationship between impulsivity, psychopathy and criminality, focusing on a community sample. This study's sample consists of 690 individuals, with ages ranging between 18 and 73 years old. To collect data several questionnaires were used, such as a demographic questionnaire, the *Impulsive and Premeditated Aggression Scale* (IPAS), the *Self-Report Psychopathy Scale* (SRP-SF), the *Self-Report Questionnaire for Measuring Delinquency and Crime* (D-CRIM), and the *Socially Desirable Response Set-5* (SDRS-5). The results showed that the affective and interpersonal facets are associated with premeditation and that the relationship between psychopathy and criminality is moderated by impulsivity and premeditation. It is highlighted the importance of expanding resources which focus intervention and prevention as a way of mitigating and controlling criminal acts caused by issues such as impulsivity and criminality in the community, thus safeguarding these populations.

Key-words: Impulsivity, psychopathy, criminality, aggressiveness

Siglas e Abreviaturas

AFF	Faceta Afetiva
AI	Agressividade Impulsiva
ANT	Faceta Antissocial
AP	Agressividade Premeditada
APA	American Psychiatric Association
D-CRIM	Questionário de Autorrelato para Medir a Delinquência e o Crime
DP	Desvio-Padrão
DSM-5-TR	Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders-5-Text Revision
F	Variância estatística
INT	Faceta Interpessoal
IPAS	Escala de Agressão Premeditada e Impulsiva
LIF	Faceta Estilo de vida
p	Valor de significância estatística
PCL-R	Escala de Psicopatia-Revista
r	Correlação de Pearson
SDRS-5	Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5
SRP-SF	Escala de Autorrelato de Psicopatia – Versão Reduzida

Índice

Lista de Tabelas.....	9
Introdução.....	10
Psicopatia.....	10
Impulsividade.....	13
Método.....	15
Amostra.....	15
Instrumentos.....	17
Questionários sociodemográfico.....	17
Escala de Agressão Premeditada e Impulsiva (IPAS).....	17
Escala de Autorrelato de Psicopatia – Versão Reduzida (SRP-SF).....	18
Questionário de Autorrelato para Medir a Delinquência e o Crime (D-CRIM).....	19
Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5 (SDRS-5).....	19
Procedimento.....	20
Análise de dados.....	20
Resultados.....	21
Discussão.....	29
Limitações.....	33
Estudos futuros.....	34
Implicações práticas.....	34
Referências.....	36

Lista de Tabelas

Tabela 1. <i>Características sociodemográficas da amostra</i>	16
Tabela 2. <i>Análise descritiva dos instrumentos</i>	21
Tabela 3. <i>Análise descritiva do D-CRIM</i>	22
Tabela 4. <i>Correlações de Pearson</i>	22
Tabela 5. <i>Modelo de regressão múltipla com os preditores da impulsividade</i>	25
Tabela 6. <i>Modelo de regressão múltipla com os preditores da premeditação</i>	26
Tabela 7. <i>Modelo de regressão múltipla com os preditores da criminalidade</i>	27
Tabela 8. <i>Efeito do preditor (psicopatia) nos valores do moderador (impulsividade) no outcome (criminalidade)</i>	28
Tabela 9. <i>Efeito do preditor (psicopatia) nos valores do moderador (premeditação) no outcome (criminalidade)</i>	28

Introdução

O crime é uma problemática existente desde os primórdios da Humanidade. As primeiras tentativas de codificar o crime, as leis e o direito remontam ao século XVIII a.C., através do Código de Hammurabi (Prince, 1904) ou até mesmo com os Dez Mandamentos. De acordo com Muncie e McLaughlin (2001, p. 10), o crime é considerado “um ato ou omissão punível por lei”. Em Portugal, todas as tipologias de crime estão presentes no Código Penal Português (2023), bem como a pena atribuída a cada um desses crimes. Os crimes contra a integridade física, contra a liberdade pessoal, contra a autodeterminação sexual, contra o património, contra a identidade cultural e integridade pessoal, contra a vida em sociedade e contra a família são exemplos dos tipos de crime que constam no Código Penal Português (2023). Segundo o mais recente Relatório de Segurança Interna, em 2022, foram registadas 343845 participações criminais em Portugal, mais 14.1% (42451) do que as reportados no ano anterior. Os crimes contra o património continuam a ser a categoria de crimes mais comum, seguido dos crimes contra as pessoas.

Ao longo deste estudo, serão abordados diversos conceitos com uma relação teórico-prática com a criminalidade, como a psicopatia e a impulsividade. Estes três conceitos foram amplamente estudados pela comunidade científica e a literatura existente desta relação apresenta evidência da existência de uma interação entre as variáveis. No entanto, a extensa literatura sobre a temática abrange maioritariamente amostras não-comunitárias, isto é, forenses e clínicas, pelo que os estudos direcionados para amostras comunitárias são mais escassos, reforçando a importância do estudo atual.

Psicopatia

A psicopatia é um tema controverso, devido à dificuldade em estabelecer uma definição consensual entre os autores que a estudam. Segundo Hare (1996), a psicopatia trata-se de uma perturbação que afeta diferentes áreas do funcionamento de um indivíduo, como as áreas afetiva, interpessoal e comportamental. Indivíduos com psicopatia são caracterizados como sendo egocêntricos, impulsivos, irresponsáveis, mentirosos patológicos, pouco empáticos e com poucos remorsos pelas suas ações (Hare, 1996). De Brito et al. (2021) relatam que, na área afetiva, os indivíduos com psicopatia carecem de empatia, culpa ou remorso e são comumente considerados frios e sem afeto. Relativamente à área interpessoal, estes indivíduos poderão destacar-se por apresentarem características associadas à grandiosidade e à arrogância e são frequentemente denominados de “enganadores” ou manipuladores. A dimensão “estilo de vida”

é caracterizada pela necessidade de um indivíduo procurar estimulação, de adotar um estilo de vida parasítico (i.e., dependência de outrem), pela impulsividade e pela irresponsabilidade. Por último, a dimensão antissocial abrange características como a dificuldade de controlo comportamental, a delinquência juvenil e a versatilidade criminal (De Brito et al., 2021).

Existem vários modelos que procuraram operacionalizar a psicopatia, tais como o modelo bifatorial de Hare, o modelo trifatorial de Cooke e Michie, ou o modelo triárquico de Patrick et al. Contudo, o foco do presente trabalho será no Modelo dos Quatro Fatores de Hare, onde são representados instrumentos como a *Escala de Psicopatia – Revista* (PCL-R) e *Escala de Autorrelato de Psicopatia – Versão Reduzida* (SRP-SF), instrumentos considerados o padrão de ouro na avaliação da psicopatia (Boduszek & Debowska, 2016).

Quando a operacionalização da psicopatia foi realizada, de onde terá eventualmente surgido a Escala de Psicopatia-Revista (PCL-R), Hare conceitualizou-a a partir de um modelo de dois fatores: o fator 1, que consistia nas facetas interpessoais da psicopatia, como o charme superficial, narcisismo, manipulação, afeto supérfluo ou falta do mesmo, falta de empatia ou remorso e externalização; e o fator 2, que consistia no estilo de vida antissocial, na impulsividade, irresponsabilidade, dependência intencional dos outros, hostilidade e falta de planos de vida futuros (Hare, 1996).

No entanto, Cooke e Michie (2001) consideraram que o modelo bifatorial não permitia representar o construto da psicopatia adequadamente, tendo proposto um modelo trifatorial, com uma estrutura hierárquica, onde o traço principal, a psicopatia, abrangia três outros fatores correlacionados entre si. A primeira faceta abrange traços interpessoais, a segunda faceta é caracterizada por traços afetivos e a terceira faceta constitui os estilos comportamentais impulsivos e irresponsáveis. Os itens antissociais foram retirados deste modelo, uma vez que os autores consideraram não existir evidência empírica suficiente para concluir que o comportamento antissocial se trata de uma componente principal da psicopatia (Cooke et al., 2007).

Posteriormente, Hare e Neumann (2005) propuseram um modelo de quatro facetas para operacionalizar a psicopatia, devido à necessidade observada em incluir as quatro dimensões da psicopatia que consideraram existir, ou seja, afetiva, interpessoal, estilo de vida e antissocial. O modelo de quatro facetas inclui assim as três facetas inicialmente propostas por Cooke e Michie (2001) (i.e., interpessoal, afetivo e estilo de vida), e a faceta antissocial, já anteriormente incluída no modelo bifatorial, mas descartada no modelo trifatorial proposto por Cooke e Michie (2001). A faceta afetiva é caracterizada pela falta de remorso, pelos afetos supérfluos

(ou ausência de afeto), pela falta de empatia e pela dificuldade em aceitar responsabilidades. Já a faceta interpessoal caracteriza-se pela superficialidade, por um sentimento de grandiosidade, pela mentira patológica e pela manipulação. A faceta estilo de vida tem como características principais a procura de estimulação por parte do indivíduo, a impulsividade, a irresponsabilidade, a orientação parasítica (i.e., viver às custas de outrem através de exploração financeira e manipulação) e a falta de objetivos realistas. Por último, a faceta antissocial caracteriza-se pela falta de controlo comportamental, por problemas comportamentais, pela delinquência juvenil, pela versatilidade criminal e também se apresenta como sendo uma variável significativa na contribuição para a reincidência violenta e para o comportamento impulsivo (Sohn et al., 2017; Wallinius et al., 2012). Estas facetas estariam inseridas em dois fatores, o fator 1 e o fator 2. O fator 1 consistia nas facetas afetiva e interpessoal, enquanto o fator 2 consistia nas facetas estilo de vida e antissocial (Hare & Neumann, 2005).

Em 2007, Patrick sugeriu que o fator 1, composto pelas facetas afetiva e interpessoal, estaria associado a um sistema de defesas mais fragilizado, o que por sua vez levaria à diminuição das reações psicológicas e comportamentais às ameaças diretas. Por outro lado, o fator 2, que compõe as facetas estilo de vida e antissocial, estaria associado a um défice no processamento de informação, responsável pelo processamento de alertas perante ameaças, e na ativação do sistema de defesa, enquanto causa um défice na inibição do comportamento de aproximação (Patrick, 2007). Reidy et al. (2007) acrescentam ainda que indivíduos que apresentam comportamentos maioritariamente associados ao fator 1 (i.e., componentes afetivas e interpessoais da psicopatia) demonstravam uma maior relação com comportamentos agressivos impulsivos e premeditados, enquanto os indivíduos que apresentavam comportamentos associados ao fator 2 (i.e., estilo de vida e antissocial) estariam unicamente relacionados com comportamento agressivo impulsivo ou reativo e não com o premeditado.

Num estudo realizado por Cunha et al. (2020), concluiu-se que a faceta estilo de vida, responsável por comportamentos impulsivos e irresponsáveis, teria uma associação mais forte com condenações por outros crimes e pelo número de diferentes tipos de crime, seguida da faceta afetiva. Ademais, a faceta estilo de vida estaria também positivamente associada à agressão e a sintomas psicopatológicos.

Em questões de sexo, Grann (2000) concluiu que existem diferenças comportamentais entre o sexo masculino e o sexo feminino ao nível da psicopatia, mais concretamente no tipo de comportamentos que estes dois sexos praticam. Quanto ao sexo masculino, verifica-se uma maior frequência de comportamentos tais como a insensibilidade perante outros, falta de

empatia e delinquência juvenil. Por sua vez, o sexo feminino apresenta uma maior prática de comportamentos sexuais promíscuos e abuso de substâncias alcoólicas. Ainda, indivíduos do sexo feminino com psicopatia apresentam mais comportamentos de manipulação e auto-destruição (i.e., tentativas de suicídio e automutilação) comparativamente aos indivíduos do sexo masculino com psicopatia, que apresentam comportamentos mais violentos, físicos e verbais (de Vogel & Lancel, 2016).

A relação da psicopatia com os comportamentos criminais terá sido estudada por Blackburn e Coid (1998), onde os autores realizaram um estudo com uma amostra populacional prisional norte-americana, onde compararam o número e a frequência de condenações entre indivíduos com e sem psicopatia. O estudo mostrou que, de modo geral, indivíduos com psicopatia perpetravam mais crimes e mais frequentemente, assim como iniciavam a sua prática criminal numa idade mais precoce, comparativamente aos indivíduos sem psicopatia (Blackburn & Coid, 1998).

Impulsividade

A impulsividade é um conceito que se relaciona com a psicopatia, devido à natureza do comportamento observável e à sua relação com o que é conhecido sobre a psicopatia, como é demonstrado nos estudos de Morgan et al. (2011) e Poythress e Hall (2011). Inclusive, Hare (2003) considera a impulsividade como um pilar fundamental na psicopatia, afirmando que pessoas com psicopatia tendem a viver o seu dia-a-dia à base de decisões de última hora, que se traduzem em situações como a alteração repentina de planos, o término de relações, magoar pessoas, despedirem-se do trabalho e por não terem em consideração o futuro e as consequências das suas ações. Esta noção tem início logo em idade escolar, onde uma criança que esteja geneticamente predisposta a possuir características impulsivas e agressivas e tenha dificuldades temperamentais se torna mais difícil de controlar por parte dos pais (Frick & Marsee, 2018). Esta dificuldade de controlo pode resultar em atividades desviantes por parte da criança, permitindo que essas mesmas características sejam exploradas e que se tornem cada vez mais vincadas com o passar do tempo (Frick & Marsee, 2018).

Stanford et al. (2003) argumentaram a existência de comportamentos agressivos interligados com a impulsividade, conhecida como agressividade impulsiva, que será abordada posteriormente. De acordo com Moeller et al. (2001), a impulsividade pode ser considerada como uma ação repentina sem qualquer julgamento prévio ou consciente, um comportamento desprovido de reflexão adequada ao momento e tendência para agir de forma menos ponderada

do que a grande maioria das pessoas que possuem capacidades e conhecimentos semelhantes. Por outro lado, Eysenck e Eysenck (citado em Moeller et al., 2001) definem a impulsividade como um traço relacionado com a tomada de risco, a falta de planeamento e a tomada de decisões de forma rápida.

A agressividade é uma característica comumente presente em indivíduos com psicopatia, como indicado no DSM-5-TR (APA, 2023), e é caracterizada pela presença de comportamentos externos, onde existe a utilização de força física com o intuito de danificar outro indivíduo ou objeto para ganho próprio (Stanford et al., 2003). Os mesmos autores distinguem o comportamento físico agressivo e definem que a agressividade física está subdividida em duas macrocategorias: um comportamento agressivo do tipo descontrolado e com carga emocional; e um comportamento agressivo do tipo premeditado, sem carga emocional e controlado. Estas categorias de comportamento agressivo podem ser caracterizadas como agressividade impulsiva e agressividade premeditada. A agressividade impulsiva pode ser definida como um comportamento reativo e está normalmente associada a humor irritado ou agitado e perda de controlo comportamental. Por outro lado, a agressividade premeditada é principalmente orientada por objetivos e um propósito previamente planeado, o que exige reflexão prévia antes de cometer o ato (Stanford et al., 2003). Os indivíduos que expressam comportamentos agressivos impulsivos, sejam eles verbais ou físicos, têm dificuldade em inibir este tipo de comportamentos, o que resulta em explosões agressivas, causadas por défices nas competências responsáveis pelo controlo comportamental (Cruz et al., 2019). Apesar das suas semelhanças, estes tipos de agressividade diferem na forma como o comportamento observável está presente durante o evento, nomeadamente em termos do controlo comportamental e cognitivo exercido (Stanford et al., 2003).

Segundo Zimmerman (2010), indivíduos mais impulsivos têm uma maior probabilidade de perpetrar comportamentos criminosos que lhes proporcionem gratificação imediata, sem considerarem as consequências futuras dos seus atos. Por sua vez, Wilson e Herrnstein (1985) consideram a impulsividade como a componente principal para a prática de ofensas criminosas.

Diversos estudos (e.g., Declercq et al., 2012; Flight & Forth, 2007; Snowden & Gray, 2011; Walsh et al., 2009) demonstraram a relação entre as quatro facetas da psicopatia e as duas dimensões previamente mencionadas (i.e., agressividade impulsiva e premeditada), concluindo que as facetas 1 e 2 estão mais relacionadas com a agressividade premeditada, enquanto as facetas 3 e 4 com a agressividade impulsiva.

No entanto, uma grande maioria destes estudos, dados e literatura presentes sobre as variáveis em análise (i.e., psicopatia, impulsividade e crime) abrangem, nomeadamente, amostras forenses ou clínicas. Posto isto, com o presente estudo, procuramos analisar a relação entre impulsividade, psicopatia e prática de crimes numa amostra comunitária, assim como o eventual papel moderador da impulsividade na relação entre psicopatia e a prática de crimes.

É, assim, esperado que as facetas “estilo de vida” e “antissocial” estejam associadas com a impulsividade e criminalidade (Hare & Neumann, 2005). De acordo com Hare e Neumann (2005), a faceta “estilo de vida” é caracterizada por comportamentos impulsivos, enquanto a faceta “antissocial” caracteriza-se por dificuldades comportamentais e comportamentos desviantes, sendo, portanto, expectável encontrar uma associação. Espera-se ainda que a relação entre a psicopatia e os comportamentos criminais seja moderada pela impulsividade.

Método

Amostra

O estudo é composto por uma amostra não-probabilística por conveniência, definindo-se os seguintes critérios de inclusão: ter idade igual ou superior a 18 anos e compreensão, verbal e escrita, da língua portuguesa.

O atual estudo era inicialmente composto por uma amostra de 1080 participantes, mas após tratamento dos dados, a amostra da comunidade passou a ser composta por 690 participantes, com idade igual ou superior a 18 anos. É constituída maioritariamente por mulheres (79.9%), tendo os participantes idades compreendidas entre os 18 e os 73 anos, com uma média de idades de 22.70 anos ($DP = .76$). No total, 94.3% dos participantes tinham nacionalidade portuguesa, 83% eram solteiros/as, 60.6% encontravam-se num relacionamento amoroso e a maioria não tinha filhos (85.2%). Relativamente às habilitações académicas, 42.8% dos participantes eram licenciados, no entanto, a maioria encontrava-se a estudar (47.7%). Quanto ao estatuto socioeconómico, 44.5% da amostra classificou o mesmo como sendo médio. No que diz respeito à saúde mental, 73% dos participantes reportaram não terem nenhum diagnóstico no foro da saúde mental, 53% relataram não consumir bebidas alcoólicas e 92.8% não utiliza outras substâncias (ver Tabela 1).

Tabela 1

Características Sociodemográficas da Amostra

	<i>n</i>	%
Sexo		
Homem	133	19.3
Mulher	551	79.9
Não-binário	4	.6
Orientação Sexual		
Heterossexual	616	89.3
Lésbica	13	1.9
Gay	4	.6
Bissexual	38	5.5
Nacionalidade		
Portuguesa	651	94.3
Outra	17	2.5
Estado Civil		
Solteira/o	573	83.0
Casada/o União de Facto	98	14.2
Divorciada/o Separada/o	17	2.5
Viúva/o	0	0
Relacionamento Amoroso		
Sim	418	60.6
Não	270	39.1
Habilitações Académicas		
Primeiro ciclo (4º ano)	2	.3
Segundo ciclo (6º ano)	4	.6
Terceiro ciclo (9º ano)	16	2.3
Ensino secundário	260	37.7
Ensino pós-secundário (cursos profissionais)	39	5.7
Licenciatura	299	43.3
Mestrado	65	9.4
Doutoramento	5	.7
Situação profissional		
Estudante	329	47.7
Trabalhadora/o-Estudante	121	17.5
Desempregada/o	39	5.7
Reformada/o	5	.7
Empregada/o	191	27.7
Nível socioeconómico		
Baixo	111	16.1
Médio	307	44.5
Médio-baixo	150	21.7
Médio-alto	170	10.1
Alto	1	.1
Filhos		
Sim	88	12.8
Não	588	85.2

Perturbação mental		
Sim	185	26.8
Não	504	73.0
Álcool		
Sim	323	46.8
Não	366	53.0
Outras substâncias		
Sim	46	6.7
Não	640	92.8

Nota. $N = 690$. Participantes com idades entre os 18 e os 73 anos.

Instrumentos

De modo a responder às hipóteses formuladas, foram utilizados quatro instrumentos e um questionário sociodemográfico.

Questionário sociodemográfico. O questionário sociodemográfico pretendia recolher os dados sociodemográficos dos participantes, tais como a idade, sexo, escolaridade, orientação sexual, estado civil, entre outros.

Escala de Agressão Premeditada e Impulsiva. A Escala de Agressão Premeditada e Impulsiva (IPAS; Stanford et al., 2003; versão portuguesa de Cruz et al., 2019) é um instrumento de autorrelato composto por 30 itens, que tem como objetivo avaliar as características impulsivas e/ou premeditadas do comportamento agressivo de um indivíduo manifesto nos últimos seis meses. O instrumento permite diferenciar entre dois tipos de comportamentos agressivos, a agressão impulsiva e a premeditada. A agressão impulsiva é definida como um gatilho que resulta numa resposta agressiva, provocada pela perda de controlo comportamental, enquanto a agressão premeditada consiste no planeamento consciente de um ato agressivo, não envolvendo espontaneidade ou um estado de agitação no ato (Stanford et al., 2003). As respostas deste instrumento podem ser categorizadas de duas formas: dimensional e categórica. A pontuação dimensional consiste na soma de todos os itens respondidos numa escala de Likert de 5 pontos, que varia entre 1 e 5 (1- Discordo totalmente a 5- Concordo totalmente) e que resultam numa pontuação para as escalas de Agressão Impulsiva (AI) e de Agressão Premeditada (AP), sendo a escala AI composta por 10 itens e a escala AP por 12 itens. Por outro lado, a pontuação categórica avalia a percentagem de respostas positivas (4- Concordo a 5- Concordo totalmente) para as mesmas escalas de agressão (i.e., AI e AP) (Cruz et al., 2019). Alguns itens consistem em, por exemplo, “Planeei os momentos e locais em que expressei a minha raiva”, “Reagi sem pensar quando estava irritado”, “Senti-me pressionado por outros para praticar os atos”, “Fiquei agitado ou emocionalmente perturbado antes dos atos” e “Os atos foram uma “descarga” e senti-me melhor depois”. Em amostras

comunitárias, foi possível verificar que a AI era o padrão de comportamento mais recorrente entre este tipo de amostra (Cruz et al., 2019).

Relativamente à consistência interna da Escala de Agressão Premeditada e Impulsiva (IPAS), o instrumento apresenta uma boa consistência interna, com um alfa de Cronbach de .82 para a escala AP e .77 para a escala AI (Stanford et al., 2003). Da mesma forma, a sua versão portuguesa (Cruz et al., 2019) também apresenta uma boa consistência interna, com valores de alfa de Cronbach para a amostra comunitária de .86 e .81 para as escalas AI e AP, respetivamente. Para o presente estudo, a consistência interna da Escala de Agressão Premeditada e Impulsiva (IPAS) revelou-se adequada, com valores de alfa de Cronbach de .84 para a escala AP e .79 para a escala AI.

Escala de Autorrelato de Psicopatia – Versão Reduzida. Com o objetivo de avaliar a psicopatia, recorreu-se à Escala de Autorrelato de Psicopatia – Versão Reduzida (SRP-SF; Paulhus et al., 2016; versão portuguesa de Seara-Cardoso et al., 2019). A Escala de Autorrelato de Psicopatia – Versão Reduzida (SRP-SF) é um instrumento de autorrelato composto por 29 itens, que foram selecionados a partir da versão completa do SRP-4 de Paulhus et al. (2016). Este instrumento segue a mesma estrutura fatorial da Escala de Psicopatia-Revista (PCL-R) e tem como propósito avaliar as quatro facetas da psicopatia segundo Hare e Neumann (2005) – interpessoal (INT), afetiva (AFF), estilo de vida (LIF) e antissocial (ANT). Com a exceção da subescala ANT, as restantes subescalas são compostas por sete itens, respondidos numa escala de Likert de 5 pontos, que varia entre 1 e 5 (1- Discordo totalmente a 5- Concordo totalmente). Os resultados de cada faceta ou subescala são calculados através da soma dos itens correspondentes à sua subescala. A subescala INT pretende avaliar característica dissociais, tais como a mentira patológica e a manipulação (e.g., “Já fiz muitas coisas perigosas só pela excitação de o fazer”). A subescala AFF foca os aspetos essenciais da psicopatia, tais como a falta de empatia, culpa e preocupação por outrem (e.g., “Nunca me sinto culpado(a) por magoar os outros”). A subescala LIF está associada a comportamentos impulsivos e desordeiros (e.g., “Estou sempre a meter-me em problemas pelo mesmo tipo de coisas”). Por último, e como referido anteriormente, a subescala ANT é composta por oito itens, porém, somente sete itens são considerados, sendo que o item “cometeu um crime” é omitido em amostras forenses e o item “atividade de gangue” é omitido em amostras comunitárias. Posto isto, a subescala ANT tem como objetivo avaliar o comportamento antissocial (e.g., “Já ameacei pessoas para me darem dinheiro, roupa ou maquilhagem”).

A Escala de Autorrelato de Psicopatia – Versão Reduzida (SRP-SF) (Seara-Cardoso et al., 2019) apresenta uma boa consistência interna, com valores de alfa de Cronbach a variarem entre .71 e .76 para as subescalas (afetiva: .70; interpessoal: .76; estilo de vida: .76; e antissocial: .71), .78 e .84 para as dimensões (estilo de vida-antissocial e afetiva-interpessoal, respetivamente) e .87 para a escala total. Para o atual estudo, a escala apresenta uma consistência interna com valores de alfa de Cronbach de .62 para a escala afetiva, de .60 para a escala estilo de vida, de .72 para a escala interpessoal e de .71 para a escala antissocial. A mesma escala, no seu total, apresentou um valor de alfa de Cronbach de .83.

Questionário de Autorrelato para Medir a Delinquência e o Crime. O Questionário de Autorrelato para Medir a Delinquência e o Crime (D-CRIM) (Basto-Pereira et al., 2015) tem como principal objetivo avaliar a presença de comportamentos criminais no último ano e durante a vida. Este questionário é composto por 12 itens numa escala dicotómica (Sim/Não), onde são classificados 12 tipos diferentes de comportamentos criminais, violentos e não-violentos (e.g., furto, roubo, conduzir sem licença, violência doméstica, agressão, violação, tráfico de droga, porte ilegal de arma de fogo, homicídio, violência familiar, chantagem e danos à propriedade). Alguns exemplos destes itens são os seguintes: “Conduzir sem carta de condução”, “Matar alguém?”, “Agredir ou ferir intencionalmente alguém?” e “Ameaçar ou chantagear alguém?”. Este instrumento apresenta boas características psicométricas, nomeadamente de validade concorrente (Basto-Pereira et al., 2015).

Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5. Por último, a Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5 (SDRS-5; Hays et al., 1989; versão portuguesa de Pechorro et al., 2018) foi desenhada com o objetivo de avaliar a desejabilidade social. A versão portuguesa foi validada numa amostra escolar de adolescentes portugueses de ambos os sexos (Pechorro et al., 2018). Este instrumento trata-se de uma medida de autorresposta com apenas 5 itens, avaliados numa escala de 5 pontos, que vai desde “Totalmente verdadeiro” a “Totalmente falso”. As pontuações mais altas nesta escala indicam maiores níveis de desejabilidade social.

Relativamente à consistência interna do instrumento na sua versão original, o mesmo apresenta valores de alfa de Cronbach entre .66 e .68 (Hays et al., 1989). Para a sua versão portuguesa, o instrumento apresenta valores de alfa de Cronbach adequados para ambos os sexos, referindo constarem acima do valor recomendado de .70, tendo sido obtidos valores de .72 para a amostra masculina e .71 para a amostra feminina (Pechorro et al., 2018). Para este estudo, a escala apresentou uma má consistência interna, apresentando um alfa de Cronbach de .59.

Procedimento

O estudo envolveu adultos, recrutados como voluntários, para a exploração da relação entre as experiências de vida e antisocialidade, pelo que, no presente trabalho serão apenas apresentados os dados relevantes para responder ao objetivo e hipóteses formuladas. Todos os participantes consentiram, previamente ao preenchimento dos questionários, mediante assinatura eletrónica de consentimento informado, após serem informados da natureza do estudo (i.e., objetivos, duração, informação quanto a que poderiam desistir quando entendessem, não serem obrigados a responder, e ausência de riscos envolvidos) e da confidencialidade dos dados. Os participantes não receberam quaisquer compensações pela participação no estudo. O tempo médio necessário para a conclusão do preenchimento dos questionários foi de 15 a 20 minutos.

O presente estudo trata-se de um estudo quantitativo transversal, que se iniciou após aprovação da Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa. Os dados foram recolhidos através da plataforma online “Qualtrics”. De modo a evitar o enviesamento da amostra, o link para os questionários foi distribuído por diferentes redes (i.e., emails, redes sociais, websites), com o objetivo de aumentar a visibilidade dos respondentes.

Análise de Dados

O presente estudo apresenta um design quantitativo e correlacional, tendo como principal objetivo a análise da relação entre diferentes variáveis, como a psicopatia, impulsividade e prática de crimes. De modo a testar as hipóteses que foram colocadas, foi utilizado o programa de software estatístico IBM SPSS Statistics, versão 28. Antes de iniciar o teste das hipóteses, foram realizadas análises descritivas dos instrumentos, de modo a avaliar a prevalência das respostas dos participantes.

Foram realizadas correlações de Pearson para verificar a existência de correlações entre as variáveis psicopatia, impulsividade e criminalidade. Em seguida, foram realizadas três regressões lineares múltiplas para verificar a associação entre as facetas da psicopatia e as duas dimensões da Escala de Agressão Premeditada e Impulsiva (IPAS) (i.e., Agressividade Impulsiva e Premeditada) e entre as facetas da psicopatia e a criminalidade.

Foram ainda realizadas análises de moderação, para analisar o papel moderador da impulsividade e da premeditação na relação entre a psicopatia e a prática de crimes. Para tal,

recorreu-se ao Modelo 1 do PROCESS macro 4.1 para o IBM SPSS (Bolin, 2014; Hayes, 2022;).

Resultados

Foi efetuada uma análise descritiva dos instrumentos utilizados neste estudo, como consta nas Tabelas 2 e 3.

Após análise, foi possível observar que os participantes que responderam à Escala de Agressão Premeditada e Impulsiva (IPAS) apresentaram uma média de 24.22 pontos para a escala da Impulsividade e 29.52 pontos para a escala da Premeditação, num máximo de 43 e 51 pontos possíveis para as respetivas escalas. Para o SRP-PF, os participantes apresentaram pontuações médias de 18.12 para a escala Afetiva, 18.38 para a escala Interpessoal, 19.76 para a escala Estilo de Vida e 19.12 para a escala Antissocial, num máximo de pontuação de 30, 34, 32 e 32 pontos, respetivamente. Por último, dos 690 participantes que responderam ao Questionário de Autorrelato para Medir a Delinquência e o Crime (D-CRIM), 615 (89.1%) reportou não ter cometido crimes, enquanto 75 (10.9%) admitiu ter cometido crimes. Para os crimes violentos, os participantes apresentaram uma média de .08 pontos e de .06 pontos para crimes não-violentos, num máximo de pontuação de 3 e 2 pontos, respetivamente.

Tabela 2

Análise descritiva dos instrumentos

	<i>n</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>Min.</i>	<i>Max.</i>
IPAS					
Impulsividade	688	24.22	7.30	3.0	43.0
Premeditação	688	29.52	7.97	3.0	51.0
SRP-SF					
Facetas da Psicopatia					
Afetiva	690	18.12	3.49	4.0	30.0
Interpessoal	690	18.38	4.23	4.0	34.0
Estilo de Vida	690	19.76	3.82	10.0	32.0
Antissocial	690	19.12	1.94	8.0	30.0
Total	690	75.38	10.66	26.0	114.0
D-CRIM					
Crimes Violentos	690	.08	.32	.0	3.0
Crimes Não-Violentos	690	.06	.27	.0	2.0
Total	690	.14	.46	.0	3.0

Tabela 3

Análise descritiva do D_CRIM

	<i>n</i>	<i>%</i>
D-CRIM		
Não cometeu crimes	615	89.1
Cometeu crimes	75	10.9
Violentos	46	-
Não violentos	39	-
Total	690	100

Para este estudo, a Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5 (SDRS-5) apresentou uma média de resultados de 17.18 (DP = 3.13), sendo o valor mínimo possível 0 e o valor máximo possível 25.

Da análise das correlações, foi possível verificar a existência de correlações estatisticamente significativas entre o total da psicopatia e todas as facetas da psicopatia (i.e., afetiva, interpessoal, estilo de vida e antissocial) e a subescala Agressividade Impulsiva da Escala de Agressão Premeditada e Impulsiva (IPAS).

Para a subescala crimes violentos, somente a faceta interpessoal, $r(688) = .110, p = .004$, e a psicopatia total apresentaram uma correlação estatisticamente significativa, $p < .01$; $p < .05$. Para a subescala crimes não-violentos, todas as facetas da psicopatia e a psicopatia total apresentaram correlações com significância estatística. Para a criminalidade total, a psicopatia total e todas as facetas apresentaram correlações com significância estatística, $p \leq .01$ (ver Tabela 4).

Tabela 4

Correlações de Pearson

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.
1. P_AFF	1									
2. P_INT	.64***	1								
3. P_LIF	.55***	.52***	1							
4. P_ANT	.37***	.37***	.28***	1						
5. P_Tot	.84***	.86***	.79***	.55***	1					
6. IPAS_Imp	.22***	.24***	.20***	.10**	.26***	1				
7. IPAS_Pre	.31***	.32***	.21***	.12**	.33***	.49***	1			
8. D_CRIMT	.13***	.18***	.13***	.13**	.19***	.16***	.11**	1		
9. D_CRIMV	.07	.11**	.06	.06	.10*	.14***	.08*	.81***	1	
10. D_CRIMNV	.13***	.18***	.15***	.15***	.20***	.10*	.08*	.73***	.19***	1

Nota: D_CRIMT = D_CRIM_Total; D_CRIMV = D_CRIM_V; D_CRIMNV = D_CRIM_NV

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p \leq .001$

Após as análises, foi realizada uma regressão linear múltipla com vista a examinar se as facetas da psicopatia prediziam a agressão impulsiva, controlando para as variáveis sexo, idade e desejabilidade social.

O primeiro modelo (*Step 1*), que incluiu as variáveis idade e sexo, não se revelou estatisticamente significativo, $F(2.685) = .084$, $p = .92$. Após inclusão das variáveis associadas às facetas da psicopatia (*Step 2*), o modelo apresentou-se estatisticamente significativo, $F(4.681) = 12.635$, $p < .01$. Este conjunto de variáveis contribuiu para a produção de um R^2 de .069 ($R^2_{adj} = .061$), o que aponta para a existência de uma variância total de 6.9%. Da análise de cada uma das variáveis incluídas no modelo, foi possível concluir que apenas a faceta interpessoal (i.e., P_INT) se correlacionou significativamente com a agressão impulsiva, $\beta = .134$, $t(681) = 2.658$, $p = .008$, $CI = [.06, .40]$.

Foi incluída uma terceira variável (*Step 3*), com o objetivo de verificar a existência de influência da desejabilidade social no modelo. Este modelo também se apresentou estatisticamente significativo, $F(1.680) = 9.635$, $p < .01$. O modelo com a variável desejabilidade social produziu um R^2 de .082 ($R^2_{adj} = .073$), o que se traduz numa variância de 8.2% total. Da análise das variáveis incluídas no modelo, verificou-se que apenas a variável desejabilidade social (i.e., SDRS-5) apresentou uma associação estatisticamente significativa com a agressão impulsiva, $\beta = -.126$, $t(680) = -3.104$, $p = .002$, $CI = [-.477, -.107]$, tendo a variável P_INT perdido esta associação. Os resultados acima descritos encontram-se presentes na Tabela 5.

Do mesmo modo, foi realizada uma análise de regressão para examinar a predição das facetas da psicopatia com a agressão premeditada, enquanto controladas as variáveis sexo, idade e desejabilidade social.

O primeiro modelo (*Step 1*), que incluiu as variáveis sexo e idade, apresentou-se estatisticamente significativo, $F(2.685) = 3.169$, $p = .043$. Este modelo, com as variáveis idade e sexo, produziu um R^2 de .009 ($R^2_{adj} = .006$), traduzindo-se numa variância de .9%. Das variáveis incluídas neste modelo, a variável idade apresentou uma associação com significância estatística com a variável IPAS_Prem (i.e., premeditação), $\beta = .085$, $t(685) = 2.215$, $p = .027$, $CI = [.004, .064]$.

Após inclusão das variáveis da psicopatia no segundo modelo (*Step 2*), o modelo manteve-se estatisticamente significativo, $F(4.681) = 23.75$, $p < .001$, produzindo um R^2 de .130 ($R^2_{adj} = .123$), o que se traduz numa variância total de 13%. Das variáveis incluídas neste modelo, a idade, P_AFF (i.e., Afetiva) e a P_INT (i.e., Interpessoal) apresentaram uma

associação estatisticamente significativa com a premeditação, $\beta = .092$, $t(681) = 2.532$, $p = .012$, $CI = [.008, .065]$; $\beta = .176$, $t(681) = 3.528$, $p < .001$, $CI = [.178, .626]$ e $\beta = .213$, $t(681) = 4.377$, $p < .001$, $CI = [.222, .582]$, respetivamente.

Por último, foi igualmente incluída a variável da desejabilidade social, de modo a verificar a possível existência de um efeito entre a associação das variáveis. Apesar desta inclusão, o modelo (*Step 3*) permaneceu significativamente estatisticamente significativo, $F(1.680) = 8.877$, tendo produzido um R^2 de .142 ($R^2_{adj} = .133$), o que representa uma variância total de 14.2%. As mesmas variáveis que apresentaram uma associação estatisticamente significativa com a premeditação permanecem como tal, incluindo a adição da variável da desejabilidade social, $\beta = .091$, $t(680) = 2.530$, $p = .012$, $CI = [.008, .064]$; $\beta = .160$, $t(680) = 3.219$, $p = .001$, $CI = [.143, .591]$; $\beta = .173$, $t(680) = 3.425$, $p = .001$, $CI = [.139, .511]$ e $\beta = -.117$, $t(680) = -2.979$, $p = .003$, $CI = [-.491, -.101]$, respetivamente. Considerando a inclusão da variável da desejabilidade social e após a verificação dos resultados, podemos afirmar que a desejabilidade social não terá um efeito na associação entre as variáveis, dado que o efeito da associação entre as mesmas é existente no segundo modelo, assim como no terceiro.

Tabela 5

Modelo de regressão múltipla com os preditores da impulsividade

		B	S.E.	β	<i>t</i>	Sig.	95% IC (B)		ΔR^2 (ΔR^2_{ad})	F
							L	U		
Step 1	Constante	24.35	.42	-	57.73	<.001	23.52	25.18	-	2.685
	Sexo	-.01	.05	-.01	-.16	.87	-.11	.09		
	Idade	-.005	.014	-.01	-.35	.73	-.033	.023		
Step 2	Constante	13.33	2.82	-	4.73	<.001	7.79	18.88	.069 (.061)	4.681
	Sexo	.039	.051	.029	.77	.44	-.061	.139		
	Idade	-.003	.014	-.01	-.23	.82	-.03	.024		
	P_AFF	.19	.11	.09	1.77	.08	-.02	.40		
	P_INT	.23	.09	.13	2.66	.01	.06	.40		
	P_LIF	.17	.09	.09	1.95	.052	-.001	.34		
	P_ANT	-.01	.15	-.003	-.06	.95	-.31	.29		
Step 3	Constante	19.80	3.49	-	5.67	<.001	12.94	26.66	.082 (.073)	1.680
	Sexo	.04	.05	.03	.80	.42	-.06	.14		
	Idade	-.003	.014	-.01	-.25	.81	-.03	.02		
	P_AFF	.16	.11	.08	1.45	.15	-.06	.37		
	P_INT	.16	.09	.09	1.73	.08	-.02	.33		
	P_LIF	.17	.09	.09	1.96	.051	-.001	.342		
	P_ANT	.02	.15	.005	.134	.89	-.28	.32		
	SDRS_T	-.29	.09	-.13	-3.10	.002	-.48	-.11		

Variável dependente: IPAS_Imp (Impulsividade)

Variáveis independentes: Sexo (1 – Homem, 2 – Mulher, 3 – Não-binário); Idade (Intervalar); P_AFF, P_INT, P_LIF e P_ANT (1 – Concordo fortemente, 2 – Discordo fortemente, 3 – Discordo, 4 – Neutro, 5 – Concordo); SDRS_T (1 – Discordo totalmente, 2 – Discordo, 3 – Nem concordo nem discordo, 4 – Concordo, 5 – Concordo totalmente).

Tabela 6

Modelo de regressão múltipla com os preditores da premeditação

							95% IC (B)		ΔR^2	
							L	U	(ΔR^2_{ad})	F
Step 1	Constante	28.88	.46	-	62.94	<.001	27.98	29.78		
	Sexo	-.09	.06	-.06	-1.54	.12	-.20	.02	.009	2.685
	Idade	.034	.015	.09	2.22	.027	.004	.064	(.006)	
Step 2	Constante	15.70	2.98	-	5.27	<.001	9.85	21.55		
	Sexo	-.029	.054	-.02	-.53	.59	-.134	.077		
	Idade	.036	.014	.092	2.53	.012	.008	.065	.130	4.681
	P_AFF	.40	.11	.18	3.53	<.001	.178	.626	(.123)	
	P_INT	.40	.09	.21	4.38	<.001	.222	.582		
	P_LIF	.03	.09	.02	.228	.735	-.151	.213		
	P_ANT	-.12	.16	-.03	-.73	.464	-.436	.199		
Step 3	Constante	22.26	3.69	-	6.03	<.001	15.01	29.51		
	Sexo	-.027	.05	-.02	-.51	.61	-.13	.08		
	Idade	.036	.014	.09	2.53	.012	.01	.06		
	P_AFF	.37	.11	.16	3.22	.001	.14	.59	.142	1.680
	P_INT	.33	.10	.17	3.43	.001	.14	.51	(.133)	
	P_LIF	.03	.09	.02	.332	.74	-.15	.21		
	P_ANT	-.088	.16	-.02	-.544	.59	-.40	.23		
	SDRS_T	-.30	.10	-.12	-2.98	.003	-.49	-.10		

Variável dependente: IPAS_Prem (Premeditação)

Variáveis independentes: Sexo (1 – Homem, 2 – Mulher, 3 – Não-binário); Idade (Intervalar); P_AFF, P_INT, P_LIF e P_ANT (1 – Concordo fortemente, 2 – Discordo fortemente, 3 – Discordo, 4 – Neutro, 5 – Concordo); SDRS_T (1 – Discordo totalmente, 2 – Discordo, 3 – Nem concordo nem discordo, 4 – Concordo, 5 – Concordo totalmente).

Foi também realizada uma regressão linear múltipla para verificar se as facetas da psicopatia prediziam a criminalidade, controlando para as variáveis sexo, idade e desejabilidade social.

O primeiro modelo (*Step 1*), onde constavam as variáveis sexo e idade, não se apresentou estatisticamente significativo, $F(2.687) = 1.113$, $p = .33$. Adicionadas a este modelo inicial as quatro facetas da psicopatia (*Step 2*), foi possível observar que este se apresentou estatisticamente significativo ($F(4.683) = 7.070$, $p < .001$). O modelo apresentou um R^2 de .043 ($R^2_{adj} = .057$), o que representa uma variância de 4.3%. A faceta interpessoal (i.e., P_INT) foi a única que apresentou uma associação significativa com a criminalidade total, $\beta = .14$, $t(683) = 2.771$, $p = .006$, $CI = [.004, .03]$.

Por último, quando incluído no modelo a variável desejabilidade social (*Step 3*), verificou-se que o modelo apresentava significância estatística, $F(1.682) = 10.115$, $p < .05$. O modelo apresentou um R^2 de .057 ($R^2_{adj} = .047$), explicando 5.7% de variância total (ver Tabela

7). Analisadas as variáveis individualmente, foi possível verificar que, tal como na primeira regressão, a variável P_INT perdeu a associação com a criminalidade (D_CRIM_Total) com a adição da variável da desejabilidade social, que por sua vez, apresentou uma associação significativa com a criminalidade total, $\beta = -.131$, $t(682) = -3.18$, $p = .002$, $CI = [-.031, -.007]$.

Tabela 7

Modelo de regressão múltipla com os preditores da criminalidade

		B	S.E.	β	t	Sig.	95% IC (B)		ΔR^2 (ΔR^2_{ad})	F
							L	U		
Step 1	Constante	.17	.03	-	6.39	<.01	.11	.22	-	2.687
	Sexo	.00	.00	.03	.65	.52	-.004	.009		
	Idade	-.001	.001	-.055	-1.43	.15	-.003	.00		
Step 2	Constante	-.51	.18	-	-2.82	.01	-.86	-.16	.043 (.034)	4.683
	Sexo	.00	.00	.05	1.26	.21	-.002	.01		
	Idade	-.001	.01	-.007	-1.30	.19	-.003	.001		
	P_AFF	-.001	.01	-.007	-.14	.89	-.014	.013		
	P_INT	.02	.01	.14	2.77	.01	.004	.03		
	P_LIF	.01	.01	.05	1.06	.29	-.01	.02		
	P_ANT	.02	.01	.06	1.56	.12	-.004	.02		
Step 3	Constante	-.09	.22	-	-.39	.70	-.52	.35	.057 (.047)	1.682
	Sexo	.00	.00	.05	1.30	.19	-.002	.01		
	Idade	-.001	.001	-.05	-1.33	.19	-.003	.001		
	P_AFF	-.003	.01	-.02	-.47	.64	-.02	.01		
	P_INT	.01	.01	.10	1.82	.07	-.001	.022		
	P_LIF	.01	.01	.05	1.06	.29	-.01	.02		
	P_ANT	.02	.01	.07	1.76	.08	-.002	.04		
	SDRS_T	-.02	.01	-.13	-3.18	.002	-.03	-.01		

Variável dependente: D_CRIM_Total (Criminalidade)

Variáveis independentes: Sexo (1 – Homem, 2 – Mulher, 3 – Não-binário); Idade (Intervalar); P_AFF, P_INT, P_LIF e P_ANT (1 – Concordo fortemente, 2 – Discordo fortemente, 3 – Discordo, 4 – Neutro, 5 – Concordo); SDRS_T (1 – Discordo totalmente, 2 – Discordo, 3 – Nem concordo nem discordo, 4 – Concordo, 5 – Concordo totalmente).

Para testar a segunda hipótese, foram realizadas duas análises de moderação, incluindo como covariáveis a desejabilidade social e o sexo.

A primeira análise procurou testar o papel moderador da agressão impulsiva na relação entre a psicopatia e a criminalidade total. O modelo analisado apresentou significância estatística, $F(5.652) = 8.965$, $p < .001$. No entanto, da análise dos dados, foi possível concluir que a impulsividade (i.e., IPAS_Imp) não se apresentou como uma variável moderadora da relação entre a psicopatia e a perpetração de comportamentos criminais (ou criminalidade) ($p = .39$). No entanto, a variável da desejabilidade social apresentou significância, $b = -.018$, $t(652)$

= 8.965, $p = .003$, $CI = [-.03, -.01]$, pelo que poderá ter tido influência na interação moderada pela agressão impulsiva.

Na segunda análise, procurou-se testar o papel moderador da premeditação na relação entre psicopatia e criminalidade. O modelo, tal como o anterior, apresentou significância estatística, $F(4.652) = 8.2004$, $p < .001$. Verificou-se, ainda, um efeito moderador estatisticamente significativo da variável agressão premeditada, $b = .0006$, $t(652) = -3.12$, $p = .025$, $CI = [.0001, .001]$, isto é, a relação entre as variáveis psicopatia (P_Total) e a criminalidade (D_CRIM_Total) é moderada pela agressão premeditada (IPAS_Prem) (ver Tabelas 8 e 9).

Tabela 8

Efeito do preditor (psicopatia) nos valores do moderador (impulsividade) no outcome (criminalidade)

							95% IC (B)		ΔR^2	F
		B	S.E.	β	t	Sig.	L	U	(ΔR^2_{ad})	
Step	Constante	.47	.53	-	.88	.38	-.57	1.50		
1	Sexo	.00	.00	-	1.10	.28	-.002	.01		
	P_Total	-.002	.00	-	-.37	.71	-.02	.01	.254	5.652
	IPAS_Imp	-.02	.02	-	-.87	.39	-.06	.02	(.064)	
	SDRS_T	-.02	.00	-	-3.0	.003	-.030	-.01		
	Interação	.00	.00	-	1.20	.23	-.00	.00		

Tabela 9

Efeito do preditor (psicopatia) nos valores do moderador (premeditação) no outcome (criminalidade)

							95% IC (B)		ΔR^2	F
		B	S.E.	β	t	Sig.	L	U	(ΔR^2_{ad})	
Step	Constante	1.22	.60	-	2.10	.04	.06	2.40		
1	Sexo	.00	.00	-	1.30	.19	-.002	.01		
	P_Total	-.01	.00	-	-1.45	.15	-.02	.00	.259	5.652
	IPAS_Pre	-.04	.02	-	-2.12	.03	-.07	-.00	(.062)	
	SDRS_T	-.02	.00	-	-3.12	.001	-.03	-.00		
	Interação	.00	.00	-	2.25	.025	.00	.00		

Discussão

O presente estudo foi elaborado com o objetivo de compreender a relação entre a psicopatia, impulsividade e criminalidade e de que forma as mesmas interagem entre si na idade adulta, com a utilização de uma amostra comunitária. Considerando a vasta literatura existente sobre as mesmas variáveis para amostras forenses e clínicas, procurou-se analisar os efeitos de interação entre as variáveis estudadas com recurso a uma amostra comunitária.

Considerando os estudos de Hare e Neumann (2005), a faceta “estilo de vida” tem como principal característica os comportamentos impulsivos, enquanto a faceta “antissocial” é caracterizada por comportamentos desviantes e antissociais. Por sua vez, seria expectável que os indivíduos que apresentassem maiores pontuações na faceta “estilo de vida” pontuassem mais elevado em instrumentos que avaliassem a impulsividade, do mesmo modo que seria esperado que os indivíduos que pontuassem mais elevado na faceta “antissocial” também apresentassem mais características agressivas.

Deste modo, formulou-se a primeira hipótese baseada nessas conclusões, que seria “É esperado que as facetas “estilo de vida” e “antissocial” estejam associadas com a impulsividade e criminalidade. Os resultados relativos ao teste da primeira hipótese demonstraram a existência de uma correlação positiva e significativa entre todas as facetas da psicopatia e as duas dimensões da Escala de Agressão Premeditada e Impulsiva (IPAS), isto é, a Agressividade Impulsiva e a Agressividade Premeditada, bem como o total de criminalidade. Como mencionado anteriormente, os estudos de Declercq et al. (2012), Flight e Forth (2007), Snowden e Gray (2011) e Walsh et al. (2009) demonstraram a relação entre as facetas da psicopatia e as dimensões da Escala de Agressão Premeditada e Impulsiva (IPAS), pelo que concluíram existir uma distinção entre as quatro facetas e cada dimensão deste instrumento, ou seja, a AI e a AP. Segundo esses estudos, as quatro facetas estariam mais associadas com cada uma das dimensões especificamente, e não no seu total.

Seria, portanto, esperado que as facetas do fator 1 (i.e., afetiva e interpessoal) estivessem associadas somente à agressividade premeditada, enquanto as facetas do fator 2 (i.e., estilo de vida e antissocial) apresentassem uma maior relação com a agressividade impulsiva. No entanto, o mesmo não se comprovou no que respeita à relação entre as facetas da psicopatia e a perpetração de crimes violentos, uma vez que esta variável apenas se correlacionou com o total de psicopatia. Apesar de se tratar de uma correlação estatisticamente significativa, esta correlação é fraca. Se considerarmos a amostra deste estudo (aprox. 80% feminina) e os resultados obtidos, é possível correlacionar com a literatura existente, que explora a prevalência

da perpetração de crimes por parte de indivíduos do sexo feminino, concluindo que as mulheres com psicopatia perpetram, mais frequentemente, crimes não violentos do que homens (de Vogel & Lancel, 2016), o que poderá explicar a correlação das facetas da psicopatia com a perpetração de crimes não violentos. Estes resultados vão ao encontro da literatura existente, no entanto, as amostras mais comuns para estudos relacionados com perpetração de crimes e psicopatia são, maioritariamente, as amostras prisionais, pelo que as suas conclusões deverão ser avaliadas com cautela.

Após a realização da regressão linear múltipla, que tinha como objetivo analisar a associação entre as variáveis impulsividade e facetas da psicopatia, foi possível concluir a existência de um efeito por parte da faceta interpessoal. A existência de uma associação positiva e significativa entre a faceta interpessoal e a impulsividade não vai ao encontro da literatura. De acordo com os estudos de Hare e Neumann (2005), assim como com a conceptualização e, consequentemente, operacionalização da psicopatia em diversos instrumentos (e.g., PCL-R e SRP-PF), a faceta estilo de vida deveria apresentar uma associação significativa com a impulsividade, considerando as características frequentemente associadas a essa faceta (i.e., impulsividade), ao contrário da faceta interpessoal (i.e., mentira patológica e manipulação) (Seara-Cardoso et al., 2019). Segundo o estudo de Cruz et al. (2019), a agressão impulsiva é o tipo de agressão mais comum em amostras comunitárias, pelo que seria esperado que estes resultados não fossem exceção, no entanto, o mesmo não se verificou. No terceiro modelo da regressão, a faceta interpessoal deixa, no entanto, de ser significativa com a introdução da variável desejabilidade social.

Este fenómeno poderá ser explicado pelos efeitos e causas que levam a que algum indivíduo responda de forma a que não seja alvo de preconceito ou reprovação. Segundo Krumpal (2013), o ser humano procura, de forma natural, aprovação social ao selecionarem respostas que os mesmos esperem que potenciem avaliações positivas sobre o seu carácter, enquanto diminuem possíveis reações negativas às suas respostas. Considerando que estes indivíduos terão de responder a questões que poderão não ser bem aceites na sociedade ou na comunidade envolvente (e.g., assumir o consumo de substâncias e a prática de atos criminais), poderão optar por responder de forma a promover a autoimagem e diminuir a dissonância cognitiva, proveniente da sua noção de normas sociais (Krumpal, 2013).

A segunda regressão linear múltipla procurou analisar a associação entre as facetas da psicopatia, do mesmo modo que a primeira regressão, e a premeditação (i.e., Agressividade Premeditada). No segundo modelo, as facetas afetiva e interpessoal apresentam uma associação

estatisticamente significativa com a premeditação que, por sua vez, vai ao encontro da literatura existente. No estudo elaborado por Reidy et al. (2007), os autores concluíram que os diferentes tipos de comportamentos de indivíduos com psicopatia podiam ser associados às dimensões da Escala de Agressão Premeditada e Impulsiva (IPAS), ou seja, a AI e a AP. Os indivíduos que demonstravam comportamentos maioritariamente associados ao fator 1 (i.e., facetas afetiva e interpessoal) apresentavam uma maior relação não só com comportamentos agressivos impulsivos ou reativos, mas também premeditados, ao contrário dos indivíduos que apresentavam comportamentos associados ao fator 2 (i.e., facetas estilo de vida e antissocial), que estariam unicamente relacionados com o tipo de comportamento agressivo impulsivo (Reidy et al., 2007). Este resultado foi reforçado por outros autores já mencionados previamente (e.g., Declercq et al., 2012; Flight & Forth, 2007; Snowden & Gray, 2011; Walsh et al., 2009), que corroboram as afirmações concluídas pelos outros autores, isto é, que as facetas afetiva e interpessoal estariam mais relacionadas com a agressividade premeditada, enquanto as facetas estilo de vida e antissocial com a agressividade impulsiva. Foi, inclusive, possível concluir que, após a introdução da variável da desejabilidade social, que teria sido introduzida com o intuito de verificar a possível existência de um efeito entre as variáveis, as variáveis que teriam sido estatisticamente significativas no segundo modelo permaneceram estatisticamente significativas no terceiro modelo, o que poderá indicar a ausência de influência por parte da desejabilidade social.

Por último, foi realizada uma regressão linear múltipla de modo a verificar o efeito de associação das facetas da psicopatia com a criminalidade. Os resultados observados permitiram concluir que os mesmos não vão ao encontro da literatura existente sobre a psicopatia e a relação das suas facetas com a criminalidade. Segundo Hare e Neumann (2005), a faceta mais comumente associada ao comportamento delinquente e criminal é a faceta antissocial e, possivelmente, a faceta estilo de vida, uma vez que diversos autores (e.g., Wilson & Herrnstein, 1995; Zimmerman, 2010) consideram que a impulsividade é uma componente principal na perpetração de comportamentos criminais. A observação dos resultados obtidos permitiu concluir que, de acordo com o segundo modelo, a faceta interpessoal estaria unicamente associada à criminalidade e não as facetas estilo de vida e antissocial, assim como a literatura prévia. Contudo, do mesmo modo que a regressão linear elaborada com a impulsividade, com a introdução da desejabilidade social, a faceta interpessoal deixou de ser preditiva da criminalidade, pelo que os seus motivos poderão estar relacionados com a explicação elaborada anteriormente.

Para a segunda hipótese de investigação formulada neste estudo, “Espera-se ainda que a relação entre a psicopatia e os comportamentos criminais seja moderada pela impulsividade”, foram realizadas duas análises de moderação, de modo a analisar o efeito moderador da impulsividade com a psicopatia e a criminalidade.

O primeiro modelo consistiu na análise da relação entre as variáveis psicopatia total e criminalidade total, utilizando a variável impulsividade como moderadora e o sexo e a desejabilidade social como covariáveis. Após análise dos resultados, foi possível concluir que não houve um efeito de interação por parte da variável impulsividade. Destaca-se, também, o efeito significativo da desejabilidade social neste modelo. No entanto, a literatura sobre a relação entre estas variáveis não é consistente, uma vez que os diferentes estudos apontam para diferentes conclusões (e.g., Long et al., 2014; Martin et al., 2019; Wilson & Herrnstein, 1985).

Alguns exemplos a favor da influência da impulsividade na prática de atos criminais passam pelos estudos de alguns autores. Por exemplo, Martin et al. (2019) associam a psicopatia a problemas de desregulação da impulsividade, o que resulta na prática de atos criminais. Zimmerman (2010) apresentou a conclusão de que indivíduos com maiores níveis de impulsividade têm mais probabilidades de perpetrar comportamentos criminosos que proporcionem gratificação imediata. Também Wilson e Herrnstein (1985) consideraram a impulsividade como sendo a componente principal para a prática de atos criminosos.

Por outro lado, existem também argumentos que contrariam os apresentados a favor da impulsividade, que afirmam por uma maior prevalência de indivíduos com maiores níveis de psicopatia a perpetrarem atos criminais premeditados. Autores como Long et al. (2014) e Cornell et al. (1988) concluíram que indivíduos que perpetravam crimes mais violentos e premeditados apresentavam maiores níveis de psicopatia, comparativamente a indivíduos impulsivos.

Posteriormente, foi realizada a mesma análise de moderação com a variável premeditação, como forma de explorar a interação da premeditação na relação entre a psicopatia e a criminalidade. Os resultados demonstraram a existência de um efeito de interação neste modelo, pelo que é possível concluir que a premeditação é uma variável moderadora entre a psicopatia e a criminalidade. Como foi referido anteriormente, diversos estudos apontam para a existência desta relação, como Woodworth e Porter (2002), onde os autores afirmam ter forte suporte empírico para a relação entre a psicopatia e a premeditação. Utilizando uma amostra prisional canadiana, concluíram que 93.3% dos homicídios cometidos por indivíduos com psicopatia foram crimes premeditados, comparado com 48.4% dos indivíduos sem psicopatia

(Woodworth & Porter, 2002). Ainda, já mencionados, Long et al. (2014) e Cornell et al. (1988) apresentaram resultados que apontam para uma maior prevalência de indivíduos com psicopatia a cometerem mais crimes premeditados do que crimes impulsivos ou reativos.

Apesar de alguns resultados apresentados não irem ao encontro da literatura, deverá ser considerada a natureza e a amostra do estudo atual. Considerando a amostra comunitária deste estudo seria expectável existirem divergências comparativamente a amostras forenses e prisionais, uma vez que indivíduos deste tipo de amostras foram sinalizados pelo sistema de justiça, ao contrário da amostra comunitária. Na explicação deste fenómeno pode estar a natureza dos crimes perpetrados, pois como analisado, a maior parte dos indivíduos da amostra atual não cometeu qualquer tipo de crime (89.1%).

Limitações

Este estudo apresenta várias limitações. Em primeiro lugar, o atual estudo recorreu a uma amostra por conveniência como meio de recolha de dados, pelo que não permite a sua generalização. Para além desse aspeto, a amostra é composta maioritariamente por indivíduos do sexo feminino, não sendo possível generalizar os resultados de acordo com o sexo, colocando em causa a heterogeneidade da amostra. Em seguida, considerando a natureza dos instrumentos utilizados no presente estudo (i.e., autorrelato), nomeadamente a Escala de Agressão Premeditada e Impulsiva (IPAS), a Escala de Autorrelato de Psicopatia – Versão Reduzida (SRP-SF) e ao Questionário de Autorrelato para Medir a Delinquência e o Crime (D-CRIM), podemos indicar como limitação a facilidade dos participantes em recorrerem à desejabilidade social como forma de influenciar os resultados a seu favor. Como mencionado na discussão, a desejabilidade social é mais significativa e prevalente em estudos onde o tema abordado seja mais sensível (e.g. psicopatia, criminalidade e comportamentos antissociais), ganhando ainda maior relevo em populações comunitárias. Para além da presença de desejabilidade social, os questionários apresentam algumas desvantagens, como a falta de motivação dos participantes para responder aos questionários, resultando, por vezes, em resposta aleatórias, e a memória seletiva, que resulta numa imprecisão na evocação de memórias.

Quanto aos instrumentos utilizados, recorreu-se ao Questionário de Autorrelato para Medir a Delinquência e o Crime (D-CRIM) para questionar aos participantes a última vez que teriam cometido um crime nos últimos 12 meses, de modo a coincidir com os seis meses necessários na Escala de Agressão Premeditada e Impulsiva (IPAS). Contudo, para o

preenchimento destes instrumentos é necessário recorrer à memória dos indivíduos que, frequentemente, é falível.

Estudos futuros

Como estudos futuros, seria interessante observar a influência entre os sexos, numa amostra mais heterogénea, e tentar perceber se existem diferenças ao nível das facetas da psicopatia e da relação com a impulsividade e a criminalidade. Seria importante também analisar a influência de fatores ambientais no desenvolvimento de certos comportamentos, inclusive realizar um estudo longitudinal, de modo a compreender se existem diferenças na forma como os comportamentos impulsivos e delinquentes se cristalizam, resultando em indivíduos com psicopatia que escapam ao sistema de justiça por não perpetrarem crimes na idade adulta.

Implicações práticas

Considerando os resultados observados, a premeditação mostrou ser a variável com maior predominância e maior significância quando observadas em interação com as outras variáveis de estudo (i.e., criminalidade e impulsividade). Como foi evidenciado ao longo deste estudo, a premeditação é uma característica predominante em indivíduos com psicopatia e pode servir como um indicador precoce de problemas de comportamento, assim como outras características principais da psicopatia, como a impulsividade e o comportamento desviante.

Deste modo, é de extrema importância salientar alguns aspetos que poderão servir como uma mais-valia não só ao nível da intervenção, mas também da prevenção e da avaliação. Ao nível da prevenção, seria importante investir em programas divulgados em meio escolar e comunitário, como forma de atenuar o impacto que o comportamento delincente pode ter no seio familiar, principalmente se este ambiente já for disfuncional. Estes programas poderiam abranger aspetos como o controlo emocional e a resolução de conflitos, visto que indivíduos com psicopatia têm maior dificuldade em controlar as suas emoções e impulsos. No mesmo contexto, poderiam ainda ser desenvolvidos programas com foco na consciencialização da população, com o objetivo de promover a deteção precoce de comportamentos antissociais e impulsivos e de, posteriormente, intervir nesse sentido.

Para além disso, a recolha de dados e conclusões obtidas através deste estudo permite retirar alguns pontos importantes que podem ser relevantes a nível interventivo. Como os resultados indicam, a premeditação é um fator predominante nesta amostra e, por sua vez, a

mentira e a manipulação, uma vez que estes aspetos estão interligados. Deste modo, poderão ser eventualmente desenvolvidos programas de intervenção que visem capacitar indivíduos que apresentem não só características associadas à premeditação, mas também com a impulsividade. Ademais, seria também importante ponderar a reintrodução de antigos reclusos na comunidade através de programas de reintegração, que visem abordar aspetos relacionados com a psicopatia e com a impulsividade.

Por último, o apoio à vítima de abusos por indivíduos com características impulsivas e/ou psicopáticas pode ser uma mais-valia para estas populações ou comunidades, uma vez que, frequentemente, estes casos passam despercebidos. Desse modo, a consciencialização das massas e a educação para a prevenção de abusos por conta de outrem é uma possibilidade que deve ser priorizada, fornecendo à população as ferramentas para identificar comportamentos impulsivos, prevenindo a premeditação e a conduta criminosa.

O presente estudo demonstrou a importância de estudar as populações comunitárias e a importância de estudar a relação entre a prática de comportamentos criminais e características como a psicopatia e a impulsividade. Através da análise dos resultados, foi possível concluir que alguns resultados como a associação entre as facetas da psicopatia e a impulsividade não foram ao encontro da literatura. No entanto, como foi mencionado, a grande maioria dos estudos utiliza amostras forenses e prisionais, pelo que essas conclusões não podem ser aplicadas nos mesmos moldes. Contudo, verificou-se uma moderação da premeditação entre a psicopatia e a criminalidade, o que, tal como nas amostras forenses, vai ao encontro da literatura. Salienta-se a importância de formular programas direcionados para a prevenção e intervenção em amostras comunitárias, considerando que as características encontradas neste tipo de amostras (i.e., impulsividade e premeditação) poderão ser indicadores de criminalidade e, portanto, deverão ser ponderadas.

Referências

- American Psychiatric Association (2023). Perturbação Antissocial da Personalidade. In *Diagnostic and statistical manual of mental disorders, Text Revision* (5th ed.). <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425787>
- APAV. (2021). Estatísticas APAV: Relatório Anual 2021. https://apav.pt/apav_v3/images/press/Relatorio_Anual_2021.pdf
- Basto-Pereira, M., Miranda, A., Ribeiro, S., & Maia, A. (2015). The psychometric properties of a questionnaire for measuring delinquency and crime (D-CRIM). *Avances en Psicología Clínica*, 856-867. https://www.researchgate.net/publication/311947201_The_psychometric_properties_of_a_questionnaire_for_measuring_delinquency_and_crime_D-CRIM
- Birbaumer, N., Veit, R., Lotze, M., Erb, M., Hermann, C., Grodd, W., & Flor, H. (2005). Deficient fear conditioning in psychopathy: a functional magnetic resonance imaging study. *Archives of general psychiatry*, 62(7), 799-805. <https://doi.org/10.1001/archpsyc.62.7.799>
- Blackburn, R., & Coid, J. W. (1998). Psychopathy and the dimensions of personality disorder in violent offenders. *Personality and individual differences*, 25(1), 129-145. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(98\)00027-0](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(98)00027-0)
- Boduszek, D., Debowska, A. (2016). Critical evaluation of psychopathy measurement (PCL-R and SRP-III/SF) and recommendations for future research. *Journal of Criminal Justice*, 44(), 1–12. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2015.11.004>
- Bolin, J. H. (2014). Review of Introduction to Mediation, Moderation, and Conditional Process Analysis: A Regression-Based Approach, by A. F. Hayes. *Journal of Educational Measurement*, 51(3), 335–337. <http://www.jstor.org/stable/24018134>
- Cooke, D. J., & Michie, C. (2001). Refining the construct of psychopathy: Towards a hierarchical model. *Psychological Assessment*, 13, 171–188. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.13.2.171>
- Cooke, D. J., Michie, C., & Skeem, J. (2007). Understanding the structure of the Psychopathy Checklist – Revised: An exploration of methodological confusion. *The British Journal of Psychiatry*, 190, 3 9–50. <https://doi.org/10.1192/bjp.190.5.s39>
- Cruz, A. R., de Castro-Rodrigues, A., Rundle, B., Berrios-Torres, I., Gonçalves, R. A., Barbosa, F., & Stanford, M. S. (2019). Versatility and exploratory psychometric properties of the

- Impulsive/Premeditated Aggression Scale (IPAS): A review. *Aggression and violent behavior*, 47, 12-20. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2019.03.003>
- Cruz, A. R., Pasion, R., Castro Rodrigues, A., Zabala, C., Ricarte, J., & Barbosa, F. (2019). Psychometric properties of the impulsive/premeditated aggression scale in portuguese community and forensic samples. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 41(2), 144–148. <https://doi.org/10.1590/2237-6089-2018-0055>
- da Motta, C. (2022). Modelos de Compreensão do Comportamento Criminal [Slides Powerpoint]. https://moodle.ensinolusofona.pt/pluginfile.php/335457/mod_resource/content/0/A3%20Modelos%20de%20compreens%C3%A3o%20do%20comportamento%20criminal.pdf
- De Brito, S. A., Viding, E., Kumari, V., Blackwood, N., & Hodgins, S. (2013). Cool and Hot Executive Function Impairments in Violent Offenders with Antisocial Personality Disorder with and without Psychopathy. *PLoS ONE*, 8(6). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0065566>
- De Brito, S. A., Forth, A. E., Baskin-Sommers, A. R. et al. (2021). Psychopathy. *Nature Reviews Disease Primers* 7, 49. <https://doi.org/10.1038/s41572-021-00282-1>
- Declercq, F., Willemsen, J., Audenaert, K., & Verhaeghe, P. (2012). Psychopathy and predatory violence in homicide, violent, and sexual offences: Factor and facet relations. *Legal and criminological psychology*, 17(1), 59-74. <https://doi.org/10.1348/135532510X527722>
- de Vogel, V., & Lancel, M. (2016). Gender differences in the assessment and manifestation of psychopathy: Results from a multicenter study in forensic psychiatric patients. *International Journal of Forensic Mental Health*, 15(1), 97-110. <https://doi.org/10.1080/14999013.2016.1138173>
- Falkenbach, D. M., Stern, S. B., & Creevy, C. (2014). Psychopathy variants: Empirical evidence supporting a subtyping model in a community sample. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 5(1), 10–19. <https://doi.org/10.1037/per0000021>
- Flight, J. I., & Forth, A. E. (2007). Instrumentally violent youths: The roles of psychopathic traits, empathy, and attachment. *Criminal Justice and Behavior*, 34(6), 739-751. <https://doi.org/10.1177/0093854807299462>
- Frick, P. J., & Marsee, M. A. (2018). Psychopathy and developmental pathways to antisocial behavior in youth. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 456–475). The Guilford Press. <https://psycnet.apa.org/record/2018-14405-019>

- Grann, M. (2000). The PCL–R and gender. *European Journal of Psychological Assessment*, 16, 147–149. <https://doi.org/10.1027//1015-5759.16.3.147>
- Hare, R. D. (1996). Psychopathy: A clinical construct whose time has come. *Criminal Justice and Behavior*, 23(1), 25–54. <https://psycnet.apa.org/record/1996-03659-003>
- Hare, R. D. (2003). *Manual for the Hare Psychopathy Checklist-Revised*. Multi-Health Systems. <https://doi.org/10.1177/0093854896023001004>
- Hare, R. D., Neumann, C.S. (2005). Structural models of psychopathy. *Curr Psychiatry Rep* 7, 57–64 (2005). <https://doi.org/10.1007/s11920-005-0026-3>
- Hayes, A. F. (2022). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach* (3rd Ed.). The Guilford Press. <http://afhayes.com/introduction-to-mediation-moderation-and-conditional-process-analysis.html>
- Hays, R. D., Hayashi, T., & Stewart, A. L. (1989). A Five-Item Measure of Socially Desirable Response Set. *Educational and Psychological Measurement*, 49(3), 629–636. <https://doi.org/10.1177/001316448904900315>
- Karpman, B. (1941). On the need of separating psychopathy into two distinct clinical types: The symptomatic and the idiopathic. *Journal of Criminal Psychopathology*, 3, 112–137. <https://psycnet.apa.org/record/1942-00202-001>
- Kimonis, E. R., Skeem, J. L., Cauffman, E., & Dmitrieva, J. (2011). Are secondary variants of juvenile psychopathy more reactively violent and less psychosocially mature than primary variants? *Law and Human Behavior*, 35(5), 381–391. <https://doi.org/10.1007/s10979-010-9243-3>
- Krumpal, I. (2013). Determinants of social desirability bias in sensitive surveys: a literature review. *Quality & quantity*, 47(4), 2025–2047. <https://doi.org/10.1007/s11135-011-9640-9>
- Moeller, F. G., Barratt, E. S., Dougherty, D. M., Schmitz, J. M., & Swann, A. C. (2001). Psychiatric aspects of impulsivity. *American journal of psychiatry*, 158(11), 1783–1793. <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.158.11.1783>
- Morgan, J. E., Gray, N. S., & Snowden, R. J. (2011). The relationship between psychopathy and impulsivity: A multi-impulsivity measurement approach. *Personality and Individual Differences*, 51(4), 429–434. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.03.043>
- Muncie, J., & McLaughlin, E. (2001). *The problem of crime*. Sage

- Patrick, J. (2007). Getting to the heart of psychopathy. In H. F. Hervé & J. C. Yuikke (Eds.), *Psychopathy: Theory, research, and social implications* (pp. 207-252). Lawrence Erlbaum. <https://psycnet.apa.org/record/2006-11788-008>
- Paulhus, D. L., Neumann, C. S., & Hare, R. D. (2016). *The SRP-4: Self-report psychopathy scale* (4th ed.). Multi-Health Systems.
- Pechorro, P., Nunes, C., Gonçalves, R. A., Jesus, S. N., & Simões, M. R. (2019). The socially desirable response SET-5: Validation among a school sample of Portuguese youths. *Revista Iberoamericana de Diagnostico y Evaluacion Psicologica*, 52(3), 15–25. <https://doi.org/10.21865/RIDEP52.3.02>
- Porter, S., Woodworth, M., & Black, P. J. (2021). Psychopathy and Aggression. In *Handbook of Psychopathy*, 2nd edition, 611-634. Guilford publications. https://www.researchgate.net/publication/351352197_Psychopathy_and_Aggression
- Poythress, N. G., & Hall, J. R. (2011). Psychopathy and impulsivity reconsidered. *Aggression and Violent Behavior*, 16(2), 120-134. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2011.02.003>
- Prince, J. D. (1904). The Code of Hammurabi [Review of *The Code of Hammurabi, King of Babylon about 2250 B. C.; The Letters and Inscriptions of Hammurabi; Die Gesetze Hammurabis; Die Gesetze Hammurabis*, by R. F. Harper, Hammurabi, King of Babylon, L. W. King, Hammurabi, King of Babylon, D. H. Müller, Hammurabi, King of Babylon, H. Winckler, & Hammurabi, King of Babylon]. *The American Journal of Theology*, 8(3), 601–609. <http://www.jstor.org/stable/3153895>
- Reidy, D. E., Zeichner, A., Miller, J. D., & Martinez, M. A. (2007). Psychopathy and aggression: Examining the role of psychopathy factors in predicting laboratory aggression under hostile and instrumental conditions. *Journal of Research in Personality*, 41(6), 1244-1251. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2007.03.001>
- Schiller, J., Black, W., & Murphy, P. V. (2012). *Crime and criminality*. Retrieved September.
- Seara-Cardoso, A., Queirós, A., Fernandes, E., Coutinho, J., & Neumann, C. (2019). Psychometric properties and construct validity of the short version of the Self-Report Psychopathy Scale in a Southern European sample. *Journal of personality assessment*. <https://doi.org/10.1080/00223891.2019.1617297>
- Sistema de Segurança Interna (SSI). (2022). Relatório Anual de Segurança Interna – Ano 2022. Sistema de Segurança Interna. Gabinete do Secretário-Geral.

<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/documento?i=relatorio-anual-de-seguranca-interna-2022->

- Snowden, R. J., & Gray, N. S. (2011). Impulsivity and psychopathy: Associations between the Barrett Impulsivity Scale and the Psychopathy Checklist revised. *Psychiatry Research*, 187(3), 414-417. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2011.02.003>
- Sohn, J. S., Lyons, P., Menard, S., & Lee, S. J. (2017). Testing the three- and four-factor models of the Korean version PCL-R as predictors of two antisocial outcomes – Recidivism and risk. *Psychology, Crime & Law*, 23(5), 472–486. <https://doi.org/10.1080/1068316X.2017.1284215>
- Stanford, M. S., Houston, R. J., Mathias, C. W., Villemarette-Pittman, N. R., Helfritz, L. E., & Conklin, S. M. (2003). Characterizing aggressive behavior. *Assessment*, 10(2), 183-190. <https://doi.org/10.1177/1073191103010002009>
- Wallinius, M., Nilsson, T., Hofvander, B., Anckarsäter, H., & Stålenheim, G. (2012). Facets of psychopathy among mentally disordered offenders: Clinical comorbidity patterns and prediction of violent and criminal behavior. *Psychiatry Research*, 198(2), 279–284. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2012.01.005>
- Walsh, Z., Swogger, M. T., & Kosson, D. S. (2009). Psychopathy and instrumental violence: Facet level relationships. *Journal of personality disorders*, 23(4), 416-424. <https://doi.org/10.1521/pedi.2009.23.4.416>
- Zimmerman, G. M. (2010). Impulsivity, offending, and the neighborhood: Investigating the person–context nexus. *Journal of Quantitative Criminology*, 26, 301-332. <https://doi.org/10.1007/s10940-010-9096-4>